



PIB brasileiro tem crescimento de 7,7% no terceiro trimestre de 2020, mas acumula queda no ano e na comparação anual

As Figuras 1 e 2 trazem os resultados do crescimento do PIB brasileiro para os três trimestres de 2020. Em cada figura, o gráfico da esquerda apresenta os dados pela ótica da oferta, enquanto o da direita retrata os resultados dos componentes do PIB pela ótica da demanda.

Após dois trimestres de queda, a economia cresceu 7,7% no terceiro trimestre na comparação com os três meses imediatamente anteriores. Essa foi a maior variação da série histórica iniciada em 1996, porém insuficiente para recuperar as perdas anteriores. Em valores correntes, o PIB trimestral brasileiro totalizou R\$ 1,891 trilhão.

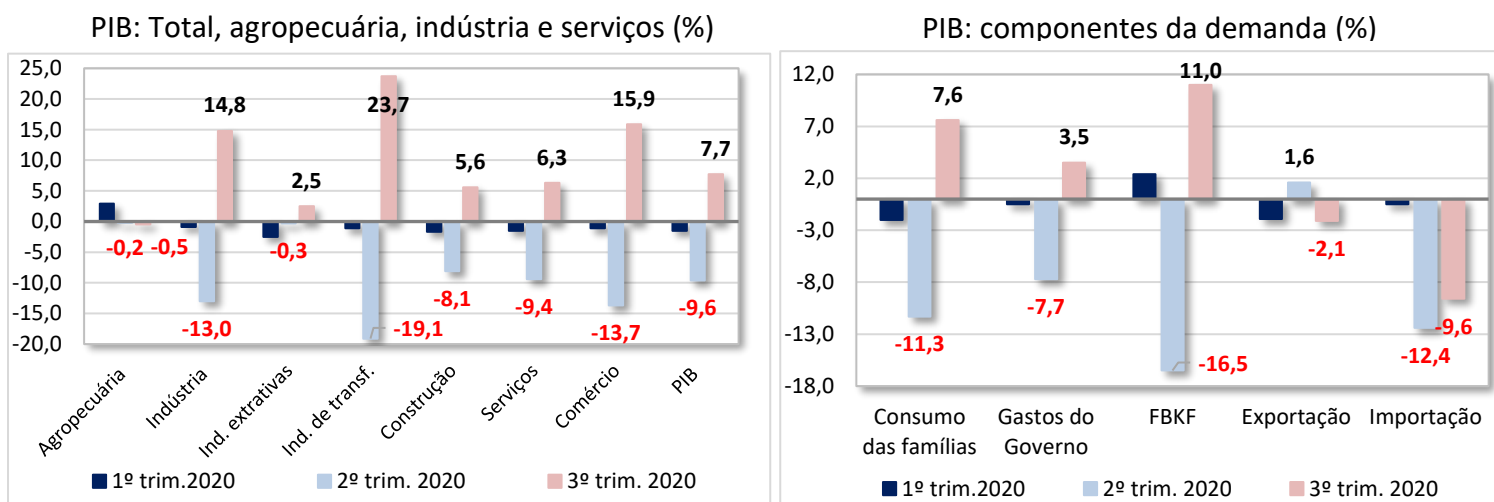
Pela ótica da oferta, o resultado recorde foi puxado pela recuperação forte da *indústria* (14,8%) e *comércio* (15,9%). Na *indústria*, o maior destaque foi na *indústria de transformação*

(23,7%). O setor de *serviços* cresceu 6,3% e a *agropecuária* recuou 0,5%, refletindo um ajuste de safra, segundo o IBGE.

Dentre os componentes da demanda, o *consumo das famílias* teve alta de 7,6%, eliminando apenas parte da queda de 11,3% no segundo trimestre. Segundo o IBGE, o auxílio emergencial oferecido pelo governo contribuiu para esse crescimento.

Os *investimentos* e os *gastos do governo* tiveram alta de 11,0% e 3,5%, respectivamente. Já as *exportações* e *importações* tiveram queda de 2,1% e 9,6%, respectivamente. O recuo nas *importações* decorre da baixa atividade econômica e do câmbio desvalorizado, enquanto a queda nas *exportações* reflete os problemas na economia de parceiros comerciais.

Figura 1. PIB do Brasil: Taxa trim. contra trim. imediatamente anterior (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.

Na comparação com o terceiro trimestre de 2019, o PIB caiu 3,9%; terceira queda consecutiva nessa base de comparação, conforme mostra a Figura 2.

Dentre os grandes setores, apenas a *agropecuária* (0,4%) registrou crescimento. A alta no setor foi puxada, pela produção e ganho de pro-



Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

atividade na *agricultura*. Destaca-se o crescimento na produção do café (21,6%), cana de açúcar (3,5%), algodão (2,5%) e milho (0,3%).

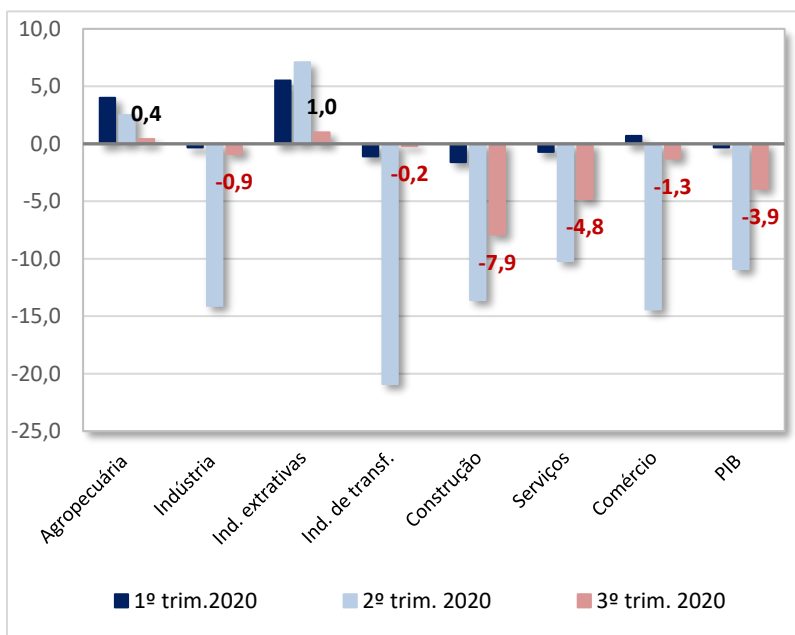
A *indústria* apresentou queda de 0,9%, com o pior resultado na *construção* que recuou 7,9%. A *indústria de transformação* apresentou queda de 0,2%, enquanto a *extrativa* apresentou expansão de 1,0% frente ao terceiro trimestre de 2019, puxada pela extração de petróleo e gás. O PIB do setor de *serviços* recuou 4,8% frente ao ter-

ceiro trimestre de 2019, com destaque para *outras atividades de serviços* (-14,4%) e *transporte, armazenagem e correio* (-10,4%).

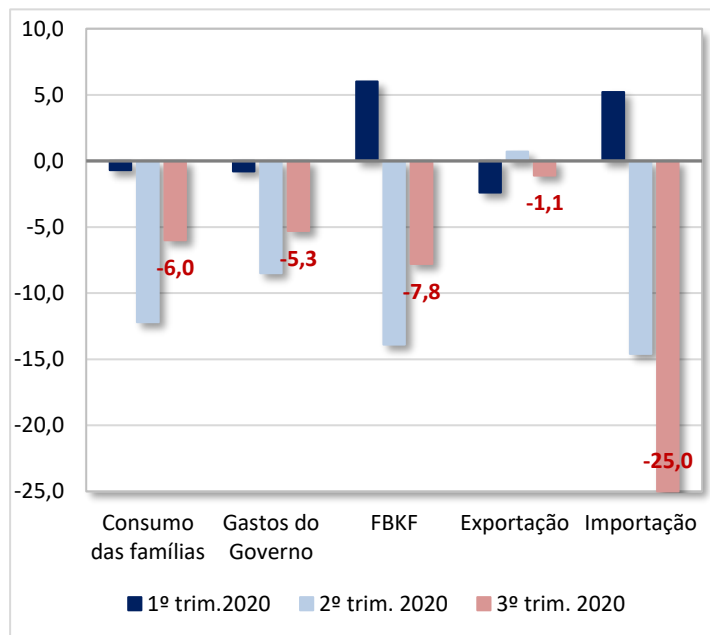
Pelo lado da demanda, o *consumo das famílias* caiu 6,0% no terceiro trimestre de 2020 em relação ao mesmo de 2019. A *FBKF* recuou 7,8% refletindo o desempenho da produção e importação de bens de capital e da construção. No setor externo, as *exportações* recuaram 1,1% e as *importações* 25,0%.

Figura 2. PIB do Brasil: Taxa trimestral (em relação ao mesmo período do ano anterior)

PIB: Total, agropecuária, indústria e serviços (%)



PIB: componentes da demanda (%)



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais. SIDRA/IBGE.

Mercado de Trabalho: Taxa de desemprego é a maior da série histórica, emprego formal tem saldo recorde em outubro, mas acumula o pior resultado desde 2016

Nas Figuras 3 e 4 são apresentados dados divulgados pela Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios Contínua Mensal (PNAD Contínua) do IBGE, enquanto a Figura 5 retrata dados do emprego

formal divulgados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

A Figura 3 mostra que a taxa de desemprego chegou a 14,6% no trimestre móvel encerrado em setembro, a mais alta da série iniciada em



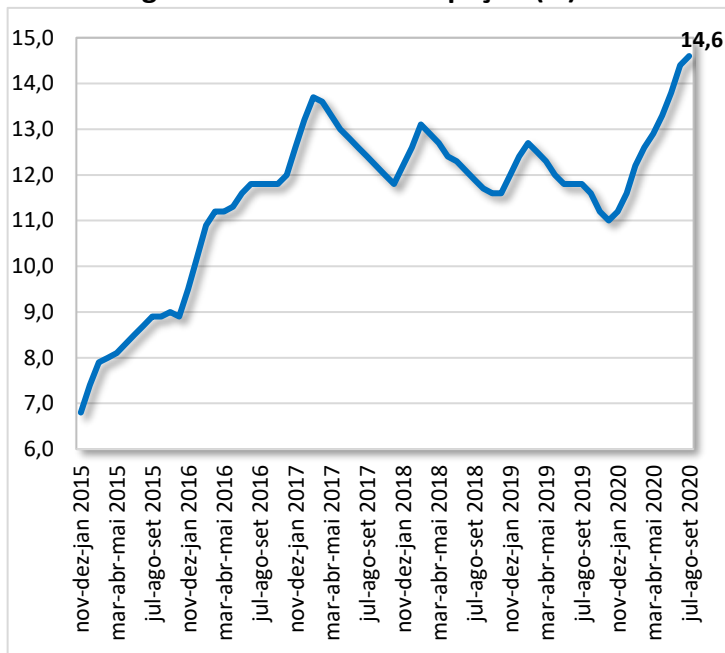
Prof. Dr. Luciano Nakabashi

Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

2012. O resultado representa alta de 1,3 p.p. frente ao trimestre anterior. Na comparação com igual período de 2019, houve aumento de 2,8 p.p.

Na Figura 4 retrata a variação da população ocupada. Segundo o IBGE, o contingente de ocupados atingiu 82,5 milhões, o menor patamar da série histórica iniciada em 2012, registrando queda de 1,1% na comparação com o trimestre anterior.

Na comparação com o mesmo trimestre de 2019, a população ocupada caiu 12,1%; perda

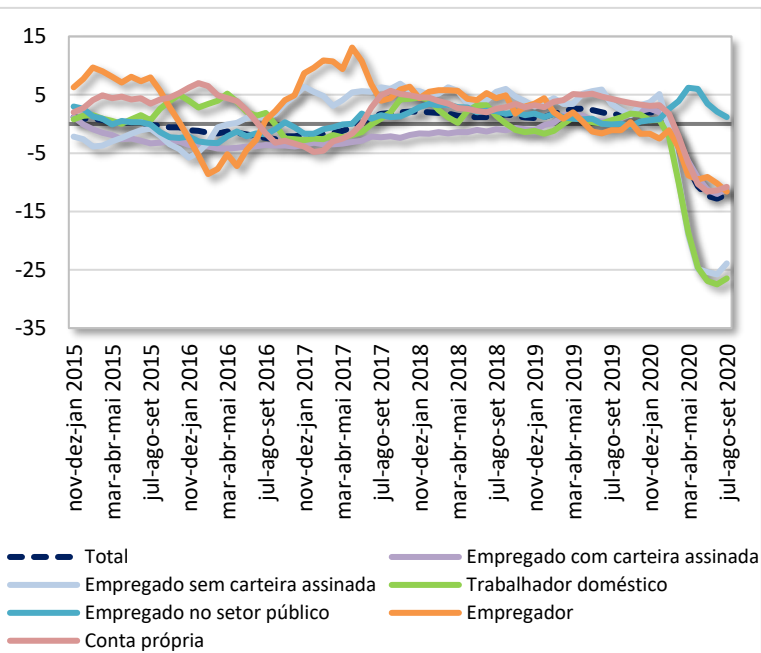
Figura 3. Taxa de Desocupação (%)

Fonte: IBGE/ PNAD Contínua. Período: Trim. móveis: nov-dez-jan 2015 a jul-ago-set 2020.

A Figura 5 reporta dados do emprego formal segundo divulgado pelo CAGED. Em Out./20, o Brasil criou 394.989 vagas com carteira assinada, resultado de 1.548.628 admissões e 1.153.639 desligamentos. Esse foi o melhor resultado da série iniciada em 1992.

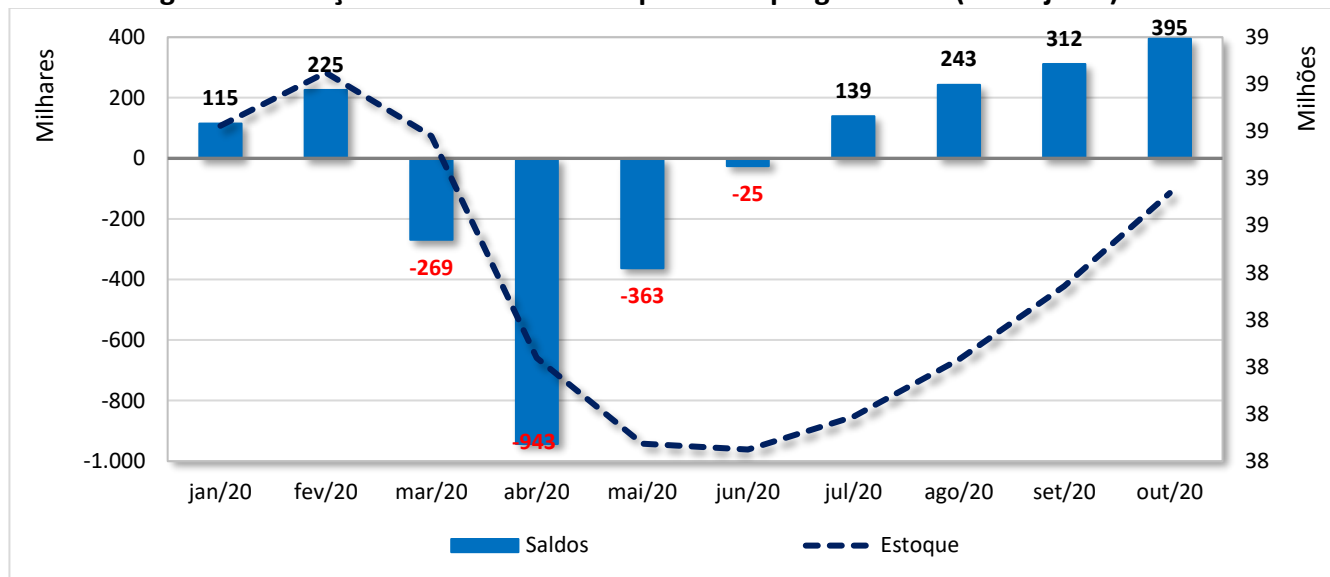
Os setores de *serviços* e *comércio* foram os que mais geraram vagas, registrando saldos positivos de 156.766 e 115.647, respectivamente. *Indústria* (86.426 vagas) e *construção civil* (36.296

de 11,3 milhões de vagas. Nessa base de comparação, as maiores quedas ocorreram em *trabalhadores domésticos* (-26,5%) e *empregados sem carteira* (-23,9%). *Conta própria* (-10,8%), *empregados com carteira assinada* (-11,2%) e *empregador* (-11,6%) também recuaram. Houve crescimento apenas de *empregados no setor público* (1,2%).

Figura 4. Pessoas Ocupadas por Posição na Ocupação
(Var. % em relação ao trim. móvel do ano anterior)

vagas) também contrataram. Apenas a *agropecuária* demitiu, com perda de 120 vagas.

No acumulado dos dez primeiros meses de 2020 foram destruídas 171.139 vagas formais, o pior saldo desde 2016 (-751.816 vagas líquidas). O pior resultado mensal foi registrado em abril de 2020 (-942.774 vagas formais, na série com ajuste), quando diversas atividades ficaram paralisadas quase o mês inteiro em função da pandemia.

**Figura 5. Evolução do Saldo e do Estoque do Emprego Formal (com ajuste) - Brasil**

Fonte: Novo Caged. Período: Jan./20 a Out./20.

Piora nas expectativas e incerteza impactam na confiança dos setores e do consumidor

A Figura 6 apresenta os índices de confiança do consumidor, indústria, serviços, comércio e construção civil.

O índice de confiança do consumidor caiu 0,7 pontos em novembro, passando dos 82,4 pontos em Out./20 para 81,7 pontos em Nov./20. Essa foi a segunda queda consecutiva decorrente do aumento da incerteza relacionada à pandemia e seu potencial impacto sobre a economia, além do provável fim do auxílio emergencial e da questão fiscal.

Na indústria, a confiança avançou 1,9 ponto em Nov./20, chegando aos 113,1 pontos, o maior valor desde outubro de 2010, quando atingiu 113,6 pontos. O resultado positivo do mês reflete a melhora da satisfação dos empresários em relação ao cenário atual. Houve aumento da confiança em 12 dos 19 segmentos industriais pesquisados. Adicionalmente, 15 segmentos estão em nível acima de fevereiro desse ano.

O índice de confiança dos serviços caiu 2,1 pontos, chegando aos 85,4 pontos em novembro, segunda queda consecutiva. Segundo a FGV, as expectativas para os próximos meses se tornaram mais pessimistas e alguns fatores como o período de transição dos programas do governo, a preocupação com a pandemia e a cautela dos consumidores podem afetar a sua recuperação.

A confiança do comércio também recuou pelo segundo mês consecutivo, passando de 95,8 para 93,5 pontos. Segundo a FGV, contribuíram para a retração a percepção de redução do ritmo de vendas. Ainda segundo a FGV, a dificuldade na recuperação da confiança do consumidor, a redução dos benefícios do governo e o cenário ainda negativo do mercado de trabalho sugerem que a retomada do setor pode ocorrer de forma mais lenta nos próximos meses.



Conjuntura Econômica

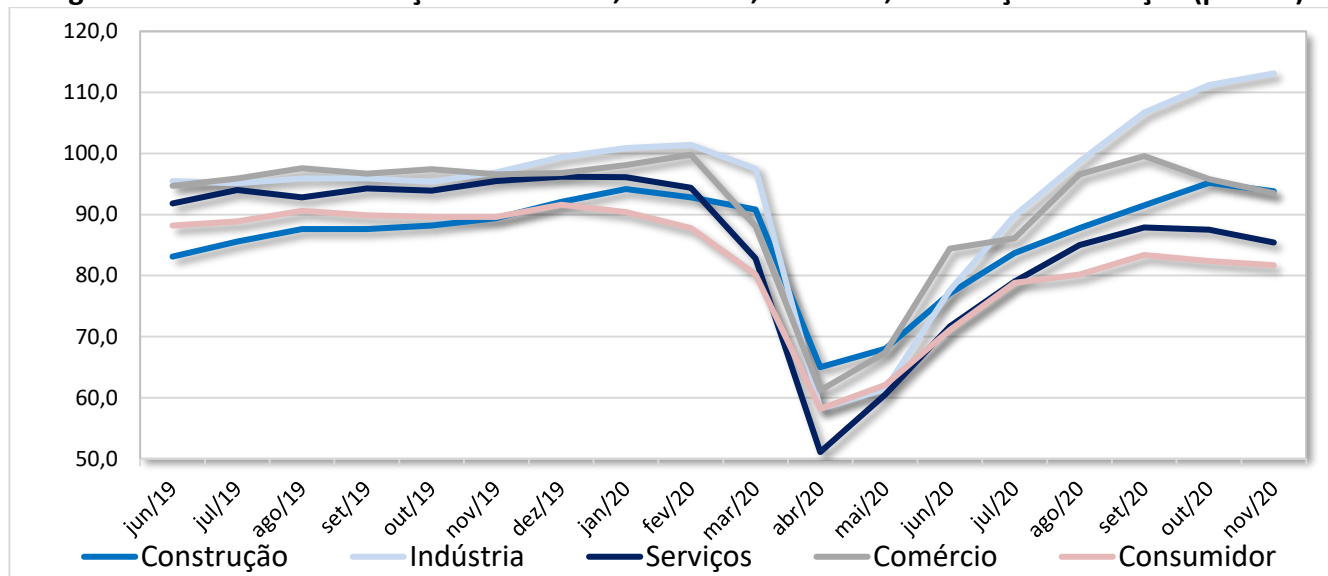
Ribeirão Preto/SP

Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

Por fim, o índice de confiança da construção recuou 1,4 ponto em Nov./20, após seis meses consecutivos de alta, atingindo 93,8 pontos.

Como aponta a FGV, a queda reflete piora das expectativas em relação à demanda e ao ambiente de negócios nos próximos meses.

Figura 6. Índices de Confiança: consumidor, comércio, indústria, construção e serviços (pontos)



Fonte: IBRE/FGV. Período: Mar./2019 a Ago./2020.

Alta nos preços dos alimentos tem o maior impacto na inflação de outubro

A Tabela 1 apresenta dados da inflação, mensurada pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), para os meses de setembro e outubro. Segundo o IBGE, o IPCA subiu 0,86% em outubro, a maior para o mês desde 2002, quando a taxa foi de 1,31%. Houve aceleração em relação ao mês de setembro (0,64%).

Dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados, apenas *educação* registrou queda (-0,04%). Entre os grupos que registraram alta, destaca-se *alimentação e bebidas* (1,93%), *artigos de residência*

(1,53%) e *transportes* (1,19%). Entre os itens com maiores altas em outubro, estão *laranja lima* (42,53%), *passagem aérea* (39,83%), *tomate* (18,69%), *óleo de soja* (17,44%) e *batata-inglesa* (17,01%).

No acumulado em 2020, o IPCA registrou alta de 2,22%, puxada pelo grupo de *alimentação e bebidas* (9,37%). O aumento nos preços dos alimentos reflete a alta do dólar e o aumento da demanda externa, com elevação das exportações. Além disso, houve impacto do auxílio emergencial que causou um efeito de crescimento da demanda.



Prof. Dr. Luciano Nakabashi
Francielly Almeida e Nicolas Scaraboto

Tabela 1. IPCA - Variação mensal, acumulada no ano (%)

Geral, grupo, subgrupo, item e subitem	Variação mensal (%)		Variação acum. no ano (%)	
	setembro 2020	outubro 2020	setembro 2020	outubro 2020
Índice geral	0,64	0,86	1,34	2,22
1.Alimentação e bebidas	2,28	1,93	7,30	9,37
2.Habitação	0,37	0,36	1,50	1,86
3.Artigos de residência	1,00	1,53	1,73	3,28
4.Vestuário	0,37	1,11	-2,85	-1,77
5.Transportes	0,70	1,19	-2,79	-1,63
6.Saúde e cuidados pessoais	-0,64	0,28	0,95	1,23
7.Despesas pessoais	0,09	0,19	0,17	0,36
8.Educação	-0,09	-0,04	0,70	0,66
9.Comunicação	0,15	0,21	2,50	2,72

Fonte: IBGE.

Conclusões

Os dados apresentados revelam alguns sinais de recuperação da economia brasileira no terceiro trimestre de 2020, com 7,7% de crescimento do PIB e saldo positivo recorde para o emprego formal em outubro.

Embora os resultados esbochem alguma reação, eles ainda foram insuficientes para eliminar as perdas ocorridas com os efeitos econômicos decorrentes da pandemia, como fica evidente nas comparações com 2019.

Nota-se queda da confiança do consumidor e nas expectativas da maioria dos setores em novembro. A queda nas expectativas reflete piora do ambiente econômico mundial com a segunda onda do Covid-19 em vários países, inclusive no Brasil, além das incertezas internas geradas pelo possível fim do auxílio emergencial, do cenário fiscal que vem deteriorando os fundamentos da economia e do fraco dinamismo no mercado de trabalho.

O ano de 2020 está finalizando com um enfraquecimento da demanda internacional, considerando o cenário externo, e grandes dúvidas em relação ao dinamismo da economia brasileira, além de uma trajetória de crescimento no já elevado desemprego no mercado de trabalho, considerando o cenário interno.

Existe uma percepção de que o atual governo não vem dando a devida importância ao crescimento da Dívida Pública em relação ao PIB e que ele não tem atuado de forma adequada na resolução do problema por falta de entendimento ou vontade política, o que é central no processo de recuperação econômica.

Os efeitos da pandemia ajudam a entender a mudança no foco das reformas, mas fica cada vez mais evidente que não existe muito apetite pela agenda de reformas essenciais para o controle dos gastos públicos e para aumentar a produtividade e o dinamismo econômico.